

Pra quem tem algo a dizer e muito a transformar

Uma experiência com jornal mural e fanzine no ensino médio

Nome: Colégio Estadual Brigadeiro Castrioto (CEBRIC)

Localização: Bairro de São Lourenço, Niterói, RJ

Número de alunos: 1.200

Segmentos: Segundo segmento do ensino fundamental (ensino regular e EJA), ensino médio (regular e EJA)

Como a comunidade do seu entorno (conhecida como “Favela do Sabão”), o Colégio Estadual Brigadeiro Castrioto vivencia todo tipo de dificuldade estrutural. O prédio tem infiltrações, salas de aula estão interditadas, faltam equipamentos. Os professores dividem-se entre o desânimo e o esforço cotidiano para proporcionar uma educação de qualidade aos quase 1.200 adolescentes e jovens matriculados na escola.

- É muito desanimador trabalhar com salários tão baixos e sem qualquer apoio. Tem professores que estão na rede há mais de vinte anos e contam os dias para se aposentar. Alguns recém-concursados não se envolvem por acreditar que estarão na rede por pouco tempo, até encontrar coisa melhor. Mas tem também aqueles que, apesar de se sentirem desrespeitados, lutam diariamente para fazer um trabalho que valha a pena. Eu me enquadrado nesse último grupo - diz a professora Argenid Sardella, há nove anos no CEBRIC, sigla pela qual o C. E. Brigadeiro Castrioto é mais conhecido.

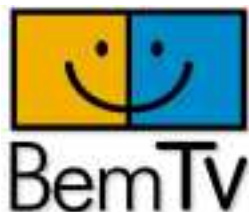
A partir de 2007, Argenid tornou-se responsável, junto a 160 alunos, pelas disciplinas de inglês e português. Acumulou ainda a coordenação de duas turmas de “atividade complementar”. No ano letivo anterior, ela atuara na escola como orientadora tecnológica, cargo criado e extinto pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro em menos de 12 meses. (Ver Box). As “OTs” seriam as responsáveis, nas instituições da rede pública estadual de ensino, pelo uso pedagógico das novas tecnologias de informação e comunicação. Buscando subsídios para dar conta dessa tarefa, Argenid engajou-se em vários processos de capacitação, entre eles a oficina de mídia desenvolvida pela Bem TV no projeto Educomunicar.

Quando buscou aperfeiçoamento, Argenid acreditava que o domínio dos equipamentos era tudo o que precisava. Hoje sabe que isso é o de menos.

- Você pode aprender a apertar botões lendo manuais. O mais bacana da comunicação é que ela propõe uma relação diferente entre professores, alunos e escola - diz Argenid.

Destituída do cargo de orientadora tecnológica, ela usa o que aprendeu com as duas turmas de atividade complementar, uma do primeiro e a outra do segundo ano do ensino médio. - Decidi trabalhar com a comunicação na sala de aula, criando veículos para os alunos se expressarem e discutirem temas de seu interesse - Ela acrescenta que não são apenas os estudantes que estão insatisfeitos com o tipo de aula que encontram na escola. - Nós professores também queremos que seja diferente. Ao dar aula de gramática, por exemplo, às vezes eu mesma tinha vontade de sair correndo, porque é muito maçante falar de tantas regras! - conclui, sorrindo.

Rua General Osório/49–São Domingos– Niterói – 3604-1500 – www.bemtv.org.br



Poucos recursos e muitos desafios

No CEBRIC, o laboratório de informática inaugurado em 2006 — com dez computadores conectados à internet — desperta grande interesse dos estudantes. Por isso a primeira proposta elaborada por Argenid e seus alunos foi a produção de um jornal on-line, dispensando, além de tudo, gastos com impressão ou fotocópias. Ao longo de três meses, no entanto, professora e alunos tiveram de enfrentar inúmeras dificuldades. Os cabos de conexão dos computadores à internet foram roubados duas vezes. Além disso, as máquinas não estavam funcionando em pelo menos metade das aulas.

Frustrado o planejamento inicial, buscaram alternativas. A proposta de produzir jornais murais e fanzines reacendeu o ânimo das turmas. Se o jornal mural é um veículo razoavelmente conhecido no universo escolar, o fanzine, por outro lado, representava um desafio. Simples e criativo, trata-se de um jornal artesanal, montado com textos que podem ser escritos à mão ou impressos de um computador. Para ilustrar, valem gravuras recortadas de jornais ou revistas, fotos ou desenhos. A base pode ser uma folha de papel (A4, A3, ofício, etc.) posteriormente dobrada (ou não) em qualquer formato e então fotocopiada (em preto-e-branco ou em cores, depende do orçamento).

Com a mão na massa

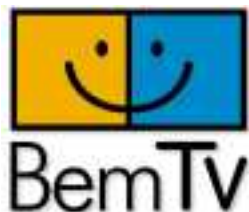
A turma de segundo ano do ensino médio, com 35 alunos, optou por trabalhar com jornais murais. Os quarenta estudantes do primeiro ano optaram pelo fanzine. Os alunos de ambas as turmas foram divididos em grupos de até cinco participantes. Cada grupo escolheu o tema que gostaria de trabalhar. Aquecimento global, limpeza escolar, *bullying*, gravidez na adolescência, DSTs, violência, aborto e tabagismo foram alguns dos temas escolhidos pelos “alunos-jornalistas”, que teriam que apresentar, no final do primeiro bimestre, um texto sobre o assunto. Antes, os adolescentes foram estimulados a pesquisar sobre as questões que pretendiam discutir. O papel da professora era orientar essa pesquisa: indicar (e muitas vezes providenciar) fontes, levantar questões, ajudá-los a selecionar as informações.

As visitas ao laboratório de informática e à biblioteca ganharam um novo significado. Os grupos também tiveram que desenvolver uma enquete sobre seu tema e aplicá-la junto a outros alunos, professores e funcionários da escola.

- Contando assim parece até que tudo aconteceu às mil maravilhas, mas não foi, não... Às vezes é difícil fazer o aluno entender que essa aula diferente é também aula, que aula não é só copiar o que está no quadro. É preciso fazê-los entender que o que eles copiam fica no caderno, mas o que a gente discute fica na cabeça - descreve Argenid.

Segundo ela, outra dificuldade foi conseguir a participação dos jovens nos momentos de debate.

- É muito contraditório. Eles reclamam que a escola não dá espaço para que digam o que pensam. Quando eles têm essa oportunidade o professor precisa incentivá-los o tempo todo, porque senão ninguém abre a boca - conta Argenid, confessando que algumas vezes recorreu ao velho artifício do “vale nota” para estimular os alunos a produzir. - E olha que eles escolheram o que produzir e sobre que assunto - lembra ela.



A “turma do fundão” também deu trabalho. Segundo Argenid, é comum a presença de um grupo de alunos que faz questão de deixar evidente sua resistência em se engajar.

- Esses a gente conquista aos poucos - sugere a professora.

Concluída a pesquisa e produzidos os textos, começou o processo de organização dos veículos de comunicação escolhidos. A turma encarregada dos jornais murais definiu em sala de aula — por meio de uma eleição — a ordem de exposição dos textos. A partir de então, as aulas do segundo bimestre foram dedicadas à coleta de outros elementos: imagens e gráficos encontrados na internet ou em jornais, desenhos e fotografias produzidos pelos próprios alunos, etc. No terceiro bimestre, a cada semana um novo mural deveria ser montado, abordando os temas pesquisados. Preocupados com a receptividade de seu trabalho na escola, os alunos rapidamente identificaram a regra número 1 de qualquer meio informativo.

- Tem que ter novidade, coisas que as pessoas não saibam, porque senão ninguém nem para pra olhar - explicou Tamirez Ferreira, integrante do grupo que escolheu como tema o “*bullying*”.

O que parecia uma preocupação exclusiva dos professores, o *bullying* surgiu espontaneamente como tema entre os adolescentes. A professora Argenid conta que tudo começou durante uma pesquisa no laboratório de informática. Uma menina viu a palavra na internet e Argenid lançou a pergunta para a turma:

- O que é *bullying*?

A mesma menina respondeu:

- Acontece quando alguém é sempre zoado por ser gordo ou por ter alguma deficiência ou... - ela foi interrompida por um aluno.

- Então tinha que estar no mural sobre violência! - reclamou o jovem integrante do grupo que discutia esse tema. Teve início um debate. A turma precisava decidir se seriam dois murais diferentes ou se o *bullying* estaria contemplado no mural sobre violência. O *bullying* acabou ganhando um mural exclusivo. - Senão, não ia caber toda a informação que a gente pesquisou! Olha só! - argumentou Tamirez, mostrando uma folha de papel almaço cheia de informações.

Para Tamirez, o melhor da atividade foi a possibilidade de rever o próprio comportamento.

- Às vezes a gente faz *bullying* e nem percebe. A gente gosta muito de ficar zoando um e outro, mas não percebe quais as conseqüências que isso pode trazer. Aprendi que, apenas por uma brincadeira, uma pessoa pode ficar doente e ter até depressão! Eu nunca imaginei que uma zoação poderia trazer tantas conseqüências - disse a aluna, cuja experiência de fazer o jornal mural lhe garantiu também a oportunidade de trabalhar métodos de pesquisa, redação, leitura, sem falar no exercício de argumentação para convencer a turma de que seu tema merecia um mural exclusivo.

Integrante do grupo que optou pelo tema da sexualidade, Graciele Costa apostava no poder de mobilização de seu jornal mural.

- Aqui na escola tem vários casos de gravidez, de aborto... Tem até prostituição, meninas que fazem sexo em troca de algo. Acho que o nosso jornal vai alertar, dar informações para



que os alunos parem pra pensar - acredita ela, acrescentando que a ênfase dos textos está no estímulo ao sexo seguro, com camisinha.

Camila de Freitas, companheira de grupo de Graciele, complementa:

- Eu estou gostando de fazer esse trabalho. Hoje, quando se fala em pesquisa na escola, é sempre na internet, é sempre igual. Aqui não, você tem que procurar em vários lugares, pegar jornais, revistas... Acho interessante porque é diferente, dá uma boa visão do assunto e ainda dá resultado para os outros alunos da escola.

A turma que escolheu o fanzine como veículo de disseminação de suas reflexões foi desafiada a produzir pelo menos um número por mês. Cada grupo ficaria responsável por uma edição e, além dos conteúdos, teria de definir um título e um formato diferente para a sua publicação, valendo-se das muitas possibilidades de dobradura de uma folha de papel. As aulas eram bastante tumultuadas, com uma movimentação freqüente de alunos e muita conversa e gritaria.

- Essa turma é muito agitada - explica Argenid. - Todos os professores comentam a dificuldade de trabalhar com eles. Mas são muito criativos. Às vezes apresentam um retorno melhor do que de outras turmas mais calmas - diz sorrindo, cercada por vários desses alunos, que queriam naquele momento conhecer as notas do bimestre.

Planos futuros e esperanças de hoje

Depois dos murais e dos fanzines produzidos, o último bimestre foi utilizado para rever alguns dos conteúdos que os alunos aprenderam no decorrer do ano de forma prática e não-sistemática: cada grupo preparou um seminário em que deveria apresentar para os demais colegas as informações mais importantes sobre os temas pesquisados. Também reviram as principais seções que costumam existir em um jornal, em um jornal mural e em um fanzine. Discutiram sobre a rotina e os desafios de um repórter; a importância da manchete ou de um *lead* — o parágrafo introdutório de toda matéria jornalística que se propõe a responder perguntas básicas: o quê, quem, quando, onde e por quê — bem escrito.

Ao longo do ano letivo, os alunos também vivenciaram a experiência de produzir algo de interesse para outras pessoas — no caso, alunos e profissionais do C. E. Brigadeiro Castrioto.

- O trabalho com comunicação aumentou a auto-estima dos meus alunos - diz Argenid Sardella. Segundo ela, os estudantes do CEBRIC são oriundos das comunidades próximas à escola, todas de baixa renda. - Muitos têm problemas de violência na família. Não estão acostumados a ser ouvidos em casa e quando chegam na escola a realidade não é muito diferente.

A professora reconhece que é difícil superar problemas que já estão cristalizados no sistema educacional, mas garante que os resultados valem o esforço.

- É mais fácil se seguirmos o livro e fizermos aquela aula de sempre. Mudar dá um trabalho, mas ver os alunos orgulhosos compensa. Quando eles se dão conta de que um produto totalmente feito por eles é admirado por outros colegas, sentem-se capazes de fazer qualquer coisa - conclui Argenid.

Começando do início

Rua General Osório/49-São Domingos- Niterói - 3604-1500 - www.bemtv.org.br



O desenho original do projeto Educomunicar previa o envolvimento de escolas situadas numa mesma região geográfica de Niterói, os bairros de São Francisco, Jurujuba e Charitas, na Zona Sul do município.

- Nossa idéia era beneficiar as escolas onde estudam os jovens atendidos por nós - explica a coordenadora da Bem TV, Márcia Correa e Castro. Situado em São Lourenço, na Zona Norte da cidade, o CEBRIC, portanto, não era alvo da formação de educomunicação montada pela ONG. A escola não foi envolvida nas discussões que antecederam a oficina, nem nas estratégias de sua divulgação. Argenid apareceu na segunda aula a convite de uma colega que participava do processo formativo, orientadora tecnológica em uma das outras escolas parceiras do Educomunicar.

No final da oficina, Argenid, como todas as outras participantes, viu-se diante do desafio de elaborar uma proposta que multiplicasse em sua escola os aprendizados por ela construídos.

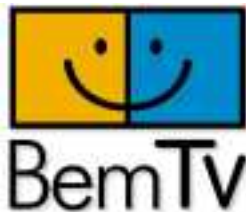
- Cheguei a organizar um debate sobre o uso do vídeo com outros professores e a direção, mas não consegui ir além - explica Argenid. No papel de orientadora tecnológica, ela acredita que poderia “levantar a bandeira” da comunicação no CEBRIC. Como professora de sala de aula, no entanto, sua autonomia para desenvolver projetos fica restrita. - Em 2006, quando era OT e tinha acesso a todas as turmas, cheguei a fazer um número do jornal do CEBRIC com os alunos. Em 2007, só poderia continuar com essa atividade se o conjunto da escola comprasse a idéia - diz ela.

Para tirar proveito do conhecimento construído nas muitas capacitações das quais participou, Argenid propôs outro trabalho de comunicação a seus alunos. Enfrentou dificuldades e conta que procurou a diretoria algumas vezes. Primeiro, quando ainda planejava fazer um informativo on-line, reivindicou a manutenção do laboratório de informática. Não foi exatamente bem-sucedida (a manutenção veio, mas não a tempo de realizar o trabalho). Poderia ter desistido, mas preferiu reformular a proposta com os alunos. Depois voltou a procurar a direção para viabilizar as fotocópias dos fanzines e o material necessário à produção dos murais.

- O ideal seria ter um exemplar para cada um dos 1.100 alunos da escola. Não deu. Fizemos 110 cópias de cada fanzine. Foi o que deu com os recursos da escola, mas não dá pra reclamar. Tivemos apoio – diz a professora.

O esforço foi compensado pelo bom desempenho dos alunos e também pelo reconhecimento da escola. A partir do trabalho de Argenid, a princípio isolado, a escola pôde perceber a importância de incorporar ações comunicativas em seu cotidiano. A partir de 2008, os fanzines e os jornais murais serão uma atividade *da escola* e não apenas das turmas de Argenid.

- Criamos o projeto “Fala CEBRIC” na área de educomunicação - conta a professora, que agora vai aplicar o projeto junto a mais três turmas do ensino médio, além das duas que já foram envolvidas em 2007. O próximo desafio, segundo Argenid, é aplicar as metodologias educacionais em suas aulas de inglês e português. - Agora estou mais segura dos resultados e dos processos. A comunicação não pode ser vista como um “assessorio”, deve ser incorporada pelas disciplinas obrigatórias - diz ela.



Para a coordenadora pedagógica do projeto Educomunicar, Regina Bortolini, a história de Argenid é um exemplo de que mudanças institucionais podem, sim, começar de ações pontuais.

- É comum e legítimo culpar o sistema, a política, a falta de recursos pelos problemas da educação. Mas também é verdade que o professor; dentro do seu universo de sala de aula, pode começar a transformação que ele deseja - diz Regina.

A seu favor, Argenid tinha toda a capacitação “a mais” adquirida na passagem pelo cargo de orientadora tecnológica. Mas mesmo quem nunca recebeu uma formação específica pode e deve se aventurar.

- Eu não saí da oficina especialista em comunicação. Até hoje não sei diagramar jornal nem operar câmera de vídeo. O que mudou pra mim é que eu abri a cabeça para um monte de possibilidades. Depois, na hora de fazer os fanzines, por exemplo, eu saí novamente em busca de ajuda - conta Argenid.

Orientador tecnológico: problema ou solução?

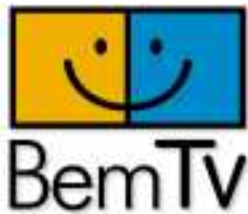
No site oficial da Coordenação de Tecnologia Educacional (CTED), vinculada à Superintendência de Tecnologias da Informação da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, encontramos, já em 2007, o seguinte texto explicativo sobre a função do Orientador Tecnológico: “O OT é um professor da rede deslocado para coordenar e orientar a utilização dos recursos de Tecnologia Educacional disponíveis em sua escola. (...) A CTED entende que esta é uma função de caráter pedagógico e só professores devidamente capacitados devem exercê-la. Assim, todos os OTs da rede estadual têm sido capacitados em cursos de formação continuada, uns oferecidos pelo governo do estado e outros em parceria com o governo federal, para aprimorar cada vez mais seus desempenhos nesta tão importante função.”

Os orientadores tecnológicos, no entanto, não existem na prática desde o dia 21 de março de 2007, quando o secretário estadual de Educação do Rio de Janeiro, Nelson Maculan, anunciou, em entrevista coletiva, que todos os professores deveriam voltar às salas de aula para cobrir o déficit de profissionais na rede estadual. Segundo dados da secretaria, seriam necessários mais 14 mil professores lecionando para garantir integralmente a carga horária das crianças, dos adolescentes e dos jovens matriculados na rede estadual.

Na outra ponta do problema, laboratórios de informática foram fechados (diretoras argumentam que não há quem se “responsabilize” por acompanhar os alunos em atividades de informática) e profissionais que passaram todo o ano de 2006 se capacitando para exercer a função de orientador tecnológico ficaram insatisfeitos. A professora do CEBRIC Argenid Sardella é um desses profissionais.

- Fiquei bastante desanimada. O governo gastou dinheiro comprando equipamentos, depois gastou mais recursos preparando profissionais para cuidar desses equipamentos e, de uma hora para outra, tudo muda, deixando todo esse material abandonado nas escolas - lamenta ela.

Em torno da função das “OTs” gira outra polêmica: seria necessário ou mesmo positivo



designar um profissional exclusivamente para o trabalho com tecnologias de informação e comunicação nas escolas? O professor Ismar de Oliveira Soares, da Universidade de São Paulo, coordenador de uma pesquisa que introduziu no Brasil o conceito de educomunicação no fim dos anos 1990, acredita que sim.

- O educador é um profissional com uma formação específica, capaz de gerenciar os processos de comunicação na escola mesmo que nem sempre esteja à frente dos projetos.

É alguém que trabalhará direto com os alunos ou que ajudará os professores a fazer esse trabalho - explica ele.

Opondo-se a essa idéia, Márcia Correa e Castro afirma que “encarregar” um profissional da escola das ações relacionadas às novas tecnologias significa eximir os demais professores da necessidade de se apropriar dessas ferramentas.

- As tecnologias de informação e comunicação precisam ser incorporadas institucionalmente pela escola e pelo campo da educação, não por um único profissional – argumenta.

Considerando os pontos de vista divergentes, os orientadores tecnológicos podem ser um problema ou uma solução para as escolas públicas estaduais no Rio de Janeiro. Em Niterói, a coordenação de Informática Educativa da rede municipal de ensino vivenciou experiência semelhante.

- Durante os primeiros anos a partir da instalação dos laboratórios de informática nas escolas, tivemos o “professor da sala de informática”, responsável por estimular e coordenar projetos que envolvessem o uso das tecnologias de informação e comunicação. Essas figuras foram extintas. Acreditamos que houve tempo para “plantar” nas escolas a cultura do uso da comunicação. Agora é preciso que os professores se mobilizem e utilizem essas tecnologias dentro do seu planejamento - diz a coordenadora de Informática Educativa do município, Adriana Neves.

Para a professora Argenid Sardella, do CEBRIC, a figura dos orientadores tecnológicos é uma demanda das escolas, pelo menos nesse primeiro momento.

- Muitos professores não sabem mexer em computador, nem em DVD, nem em aparelhos de som. Sem o apoio da “OT” eles não vão se mexer. Vão continuar no cuspe e giz - alerta ela. Ao lado de outras quase novecentas profissionais que vivenciam a mesma situação, Argenid integra um movimento que pretende repensar a questão dos orientadores tecnológicos. Elas montaram um grupo de discussão na internet por meio do qual trocam informações constantemente e chegaram a ter seis audiências com a Secretaria de Educação.

- Perdemos tempo e dinheiro, porque a gente ia lá, mas as decisões o governo tomava sozinho. Então desistimos - conta Argenid, ressaltando estar feliz, no entanto, usando a comunicação na sala de aula.